

# DIÁLOGOS

## Manuel Paiva, um físico português "exilado" em Bruxelas

# SOBRE

# "As mentalidades

# que me levaram a partir

# são as mesmas de hoje"

Professor de Física na Faculdade de Medicina da Universidade Livre de Bruxelas e director do respectivo laboratório de Física Biomédica, Manuel Paiva partiu um dia de Portugal por não suportar o ambiente asfíxiante e a pequenez de mentalidades que imperavam. Cortadas as amarras com a terra natal, fez o seu percurso pessoal e profissional numa Europa que não enjeita quem tem valor. Regressou já depois da Revolução de 1974 e redescobriu um país novo. Novo? Nem em tudo, como se verá. Mas, apesar de tudo, com motivos de interesse suficientemente estimulantes para o levar a escrever, de parceria com Mariana Pereira, estudante portuguesa em Filadélfia, EUA, onde prepara a sua tese de doutoramento, um livro – "Diálogos sobre Portugal", Livros e Leituras, 1999 – que é um singular olhar de "estrangeirados" sobre o país onde ambos nasceram.

entrevistado por  
Carlos Pessoa  
e Carlos Fiolhais



Gazeta de Física – Nos anos 60 partiu para o estrangeiro. O que o levou a emigrar?

Manuel Paiva – Deixei Portugal em 1964 principalmente por razões políticas, pois a minha alergia ao fascismo estava a dar-me cabo da saúde...

P. – E regressa 30 anos depois...

R. – Estou de volta porque continuei alérgico ao fascismo. Eu explico: como muitos belgas, tinha planeado terminar a minha vida no sul de França, mas face à chegada da extrema-direita a essa região decidimos [eu e a minha mulher] procurar outro sítio e foi assim que encontramos uma democracia em Portugal.

P. – O que fazia quando foi para o estrangeiro?

R. – Fiz os dois primeiros anos de engenharia na Universidade do Porto e dei muitas explicações para amearhar o dinheiro suficiente para poder sair. Segui para Itália e depois licenciiei-me e doutorei-me em Bruxelas, onde me mantive até hoje.



P. — Continuou a acompanhar o que se passava cá?

R. — Não. Enquanto a minha mãe era viva ainda mantive contactos estreitos com familiares em Portugal, mas nada de ligações profissionais. A partir de 1981 desliguei de todo e deixei de falar e escrever em português.

P. — E nunca mais cá voltou?

R. — Sim, sim. Fiz duas ou três viagens turísticas, mas nada mais.

P. — O que aconteceu para que tenha agora abandonado esse "exílio"?

R. — É muito simples: há três anos, quando Portugal negociava a adesão à Agência Espacial Europeia (ESA), no âmbito da qual tenho participado em muitas comissões, vim cá fazer algumas palestras.

P. — Que Portugal encontrou?

R. — Um país muito mais moderno do ponto de vista das telecomunicações, estradas, etc. Mas tenho que confessar, com toda a franqueza, que encontrei — com algumas excepções, é certo — as mesmas mentalidades que me tinham levado a partir. Fiquei por vezes muito chocado por ver pessoas que eram verdadeiros fascistas terem-se

tornado democratas! Mas enfim, o que me tinha trazido ao país eram motivos profissionais, ligados à ciência...

P. — Em que estado encontrou a ciência portuguesa?

R. — Vi-a pelos olhos de um belga que trabalha na Bélgica mas que ainda fala mais ou menos o português. Ou seja, com a perspectiva de um estrangeiro.

P. — Mas o que viu regista uma diferença em relação ao passado?

R. — Sem dúvida nenhuma que a situação melhorou. Todavia, nos domínios que conheço melhor, ligados às ciências médicas e biomédicas, vê-se que o número de publicações nos últimos 10 anos dividido pelo número de habitantes coloca Portugal no último lugar da União Europeia, mesmo atrás do Luxemburgo, onde não existe universidade!

Tenho muitas vezes a impressão de que se tenta esconder esta crua realidade, procurando viver-se fechado como nos tempos passados do "orgulhosamente sós", o que hoje não tem qualquer sentido. Existe uma língua comum dos cientistas, o inglês, há a Internet e técnicas quantitativas e objectivas de avaliação da qualidade científica que

permitem fazer comparações. Por isso, é preciso verificar que, no domínio da investigação médica, Portugal está muitíssimo atrasado em relação à Europa.

**P. — O livro que escreveu é um ajuste de contas com o país e o passado?**

**R. —** Com o país, não! Eu vim a Portugal há três anos, como disse, onde tive os primeiros contactos científicos e não científicos e começaram a acontecer tantas coisas estranhas que, no meu entender, desafiavam a teoria das probabilidades. Não era possível que aquilo fosse um acaso.

**P. — Há uma arte de ser português...**

**R. —** Exacto. Quando acontecia algo de estranho, diziam-me que isso era à portuguesa! Ora, isso não pode funcionar assim!...

**P. — Mas se não aceita isso, é porque o seu olhar sobre a realidade já não é o de um português...**

**R. —** Bem, é possível. O que sei é que me aconteceram tantas coisas que decidi escrever um livro. Foi um esforço enorme porque eu tinha deixado de escrever português. Mande o livro a 42 editores e pensei que nunca haveria de o publicar, mas acabei por encontrar um editor corajoso que o publicou.

**P. — O que pretendeu dizer com este livro?**

**R. —** A conclusão, que está mesmo no fim do livro, é que o grande esforço hoje em Portugal deve ser feito ao nível do ensino básico.

**P. — Quer dizer com isso que se estamos atrasados é porque a educação está mal no nosso país?**

**R. —** A educação está mal. Como leva muito tempo e é uma questão de gerações corrigir as coisas, só vale a pena investir a partir de baixo, ao nível do ensino básico. Para o fazer é preciso dinheiro e eu tenho uma solução para isso que sei que chocou muita gente: há centros em Portugal que são totalmente improdutivos do ponto de vista científico, pelo que é preciso ter a coragem de dizer que os que não produzem deixam de ser financiados. Citando de novo a área que conheço melhor, a das ciências da saúde, o que vejo é que ela ainda funciona muito à base do sistema a que chamo do mandarinato — há alguém que manda e todos os outros obedecem. Esse sistema ainda existe em grande parte nas universidades portuguesas, onde é preciso ter a coragem de fazer avaliações objectivas.

**P. — Mas elas já são uma prática corrente.**

**R. —** Fazem-se grandes avaliações mas o que falta depois é seguir, verificar se as recomendações são seguidas ou não. Se assim não for, todo esse esforço só serve para dar uma boa consciência...

Por outro lado, argumenta-se que estamos ainda abaixo do nível europeu, mas que a evolução é grande. A verdade é que só se pode aumentar porque o nível de que se parte é muito baixo. No domínio da ciência, a evolução é extremamente lenta e não serve de nada só injectar

dinheiro se isso não é feito com uma ideia a longo prazo, o que é de certo modo incompatível com a lógica dos mandatos políticos a quatro anos.

O que eu tentei explicar no livro é que nada disso servirá de muito sem a criação ou a existência de uma cultura científica.

**P. — Ela existe em Portugal?**

**R. —** Não existe uma cultura científica em Portugal.

**P. — Que sugestões tem para mudar o ensino e criar essa cultura científica tão necessária?**

**R. —** Eu responderia com uma transcrição do prefácio de Hubert Reeves à edição francesa do meu livro:

“Penso, como Manuel Paiva, que a iniciação precoce às maravilhas da Natureza, efectuada numa atitude de abertura de espírito, de dúvida e de despertar do sentido crítico é a melhor protecção contra o regresso do cacete do integrista”.

Isto vai muito mais além da mera formação científica.

Portugal dispôs de todas as possibilidades para ter uma cultura científica no final do século XVI e desperdiçou-a, o que criou uma atitude. E o que o fascismo fez durante 50 anos foi ser solidário com essa atitude obscurantista. Acontece que a ciência é muito perigosa, porque quando se discute podem fazer-se verificações experimentais e encontrar erros. Os miúdos podem fazer experiências muito simples numa escola e prever o resultado. Faz-se o teste e vê-se quem tem razão. É isso que distingue a ciência do mandarinato.

Estou a lembrar-me de uma pequena história muito interessante que ilustra bem esta realidade. Fizem um inquérito em Inglaterra às razões por que os astrofísicos na casa dos 40 anos optaram por essa área. Mais de metade respondeu que tinha optado pela Astrofísica devido às conferências de Fred Hoyle na BBC.

Aqui está: a importância de suscitar a curiosidade e o interesse em certas idades é fundamental. Os países europeus estão a entrar numa crise enorme de falta de vocações científicas. O grande desafio é, hoje, tentar atrair jovens para carreiras científicas, e isso começa com o despertar da curiosidade.

O astrofísico francês de origem canadiana Hubert Reeves escreveu no prefácio à tradução francesa de “Diálogos sobre Portugal”:

*“Despertar a curiosidade, desenvolver a atitude interrogativa, esses são os objectivos que os professores devem privilegiar desde muito cedo nas crianças, sob o risco de se cair na fatura e conforto das ‘verdades já feitas’, sejam estas científicas ou religiosas”.*